



Reunião da Diretoria 2011/2013 após reestruturação da Biblioteca Athena, mais informações página 02.

JORNADA SPRGS 2013

**07 e 08 de junho de 2013, no Hotel Embaixador, acontecerá a Jornada da SPRGS, cujo tema será:
HÁ VIDA NO TEMPO NO TEMPO DA VIDA?**

Confirmados até o momento: André Comte-Sponville; Carlos Gerbase; Luisa Rizzo; Ana Paula Machado; Gustavo Soares; Claudia Fonseca; Cláudio Eizirik; Martin Portner; Leonardo Dela Pasqua; Ricardo Wainer; Ney Bruck; Larissa Ulrich; Alceu Nascimento; Leandro Maia; Norma Escosteguy; Maria Fernanda Hennemann; Heloisa Furtado; Cláudia Freitas; Maria Stephanou; Lilian Stein; Flavio Kapzinski; Maria Carolina Rocha; Marisa Eizirik; Marcus Paim; Maria Lucrecia Zavaschi;

Alice Telmo; Marisa Sanchez; Ingeborg Bornholz; Renata Roos; Lara Anton; Annete Luz; Lucia Pesca; Rafael Bán Jacobsen; Maria Célia Detoni; Luiz Coronel; Viviane Sprinz; Tania Fonseca; Mônica de Carvalho; Maria Lucia Nunes; Mariana Ungaretti; José Roberto Goldim; Fabiana Castillo; Léó Voigt; Regina Zilbermann; Alexandre Shossler; Carmen Muratore; Cristina Horta; Ana Claudia Meira; Gabriel Leszczynsky; Claudia Laitano; Silvia Hallberg. **Mais informações pág. 3 - Notícias.**

Estamos em período de mudanças na sede da SPRGS, iniciadas ao longo do último semestre. Com energia renovada, vemos que o empenho de todos que fazem parte da sociedade valeu a pena. A satisfação do sócio ao entrar na nova sede, o brilho nos olhos, é o que orgulha a Diretoria que busca cada vez mais se empenhar para trazer novidades para todos que aqui frequentam. Nosso desejo é de que todos os sócios continuem sentindo a SPRGS como continuação de suas casas, de que aqui o espaço seja aberto para compartilharmos novas ideias e de termos a possibilidade de adquirir aquisições tanto pessoais quanto de conhecimento.

Após a reestruturação dos espaços físicos de nossa sede, encontramos um novo desafio que diz respeito a nossa biblioteca. A ideia é de repensar como o espaço é usado pelos sócios e como gostaríamos que fosse esse local. Para isso é preciso o empenho de cada um, no sentido de que a biblioteca tenha o objetivo que nos interessa: de não ser apenas um local onde guardamos os livros, mas sim um local onde eles descansam depois de nos auxiliarem em nosso trabalho.

O nome da nossa biblioteca, Athena, remete a um centro cultural no tempo da Grécia Antiga. Lugar de história antiga e ao mesmo tempo atual. Nome que significa sabedoria. Nossa

biblioteca conta a história de nossa profissão através de livros clássicos que nos mostram a arqueologia do pensamento psi. Como a cidade de Atenas, não podemos ficar parados no tempo. Precisamos nos atualizar, buscar novas ideias. Transformar a nossa biblioteca em um espaço cada vez mais vivo.

Desse modo, contamos com o apoio dos comitês e sócios para, juntos com a comissão editorial do SP Informação, ampliar o acervo com novas obras (fontes de conhecimento) e recheiar as novas prateleiras da Athena.

Estamos em tempo de renovação, reciclagem de ideias. Momento de abrimos espaço para agregar novos pensamentos àqueles que já trazemos da nossa formação profissional e que se enriquecem através das trocas.

Ao mesmo tempo em que falamos em revitalização, em projetos para o futuro, temos em nossos pensamentos os jovens vitimizados na tragédia que ocorreu em nosso Estado. Fica aqui registrada nossa solidariedade às famílias e aos amigos que perderam pessoas queridas no ocorrido em Santa Maria.

Comissão Editorial

**Daniela Raskin, Gabriela Filipouski e
Luciana M. de Azevedo**

Novos Sócios

Bruna Flores Bayer
Bruno Silveira Fortes
Daniel Ohlweiler Ritzel
Diógenes Angelini Ramires

Elizianne Rosa dos Santos
Karina Zanotto
Katiúscia Gomes Nunes
Mariana Canellas Benchaya

Mariana C. Ilha Moreira de Medeiros
Nadia Krubskaya Bisch Ferreira
Poliana Omizzollo

Expediente

DIRETORIA

Presidente:
Leonardo Della Pasqua

Vice-Presidente:
Diego Villas-Bôas da Rocha

Diretora Administrativa:
Norma T. de Oliveira Beck

Diretora Científica:
Tânia Rudnicki

Diretora Financeira:
Marilda Peres

Diretora Sociocultural:
Sonia Martins Sebenelo

Diretora do Interior:
Maria Aparecida da S. Brígido

Diretora do Exercício Profissional:
Viviane L. Pickering

Diretora Suplente 1:
Gabriela Ribeiro Filipouski

Diretora Suplente 2:
Luciana Menezes de Azevedo

**Conselho Consultivo Deliberativo
Fiscal – Gestão 2011/2013**

Presidente:
Magda Medianeira de Mello

Secretária:
Ana Paula Terra Machado

Conselheiros:
Cícero A. G. de Pinho Antunes
Eluza Maria Nardino Enck
Helena Centeno Hintz
Mazlowa Heck
Mary Georgina Boeira da Silva
Myrna Giron
Tatiana Blochtein

SP Informação

Comissão Editorial:
Luciana Menezes de Azevedo
Gabriela Ribeiro Filipouski
Daniela Raskin
Revisão: Christianne Lemke

Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul

Rua Felipe Néri, 414/2º andar
Porto Alegre/RS CEP 90440-150
Fone/Fax: (51) 3331-8586
E-mail: secretaria@sprgs.org.br
Site: www.sprgs.org.br
Twitter: @sprgs
Tiragem: 1000 exemplares
Gráfica Calábria - 3245-7222

Projeto Gráfico:

Grau Soluções Gráficas
www.grausolucoes.com.br

Os artigos e opiniões são de inteira
responsabilidade dos autores.



No dia 27 de janeiro de 2013, aconteceu a maior tragédia da história do Rio Grande do Sul: 239 pessoas morreram dentro da boate Kiss, na cidade de Santa Maria. Em meio à tamanha catástrofe, a Sociedade de Psicologia fez-se presente.

Naquela manhã de domingo, eu estava voltando para Porto Alegre, após a cerimônia de colação de grau de colegas psicólogas, ocorrida na cidade de Lajeado. Minha esposa era a paraninfa da turma. Confesso que não observei se o local da festa tinha saída de emergência. Quem teve esse cuidado foi a Débora, minha mulher.

Às 11h30min, recebi a ligação do psiquiatra Manoel Garcia Junior, presidente da Cruz Vermelha do Rio Grande do Sul. Ele já havia falado com as colegas Marisa Marantes Sanchez e Tânia Rudnicki e convocava a SPRGS a fazer parte da força tarefa que estava sendo criada em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde. Assim, foi marcada reunião de emergência segunda-feira pela manhã.

A partir daí nossa entidade mostrou sua força, articulou-se rapidamente e realizou um treinamento-triagem com possíveis voluntários. Marisa e Tânia apresentaram as bases das intervenções em crise. Cerca de 70 pessoas estavam presentes na capacitação realizada na nossa sede no dia 29 de janeiro.

O comitê de Psicologia da Saúde e Hospitalar comandou todo o processo – das reuniões à triagem dos voluntários. Na reunião da força tarefa da quarta-feira, tínhamos 33 psicólogos considerados aptos para o trabalho. Quatro começaram a atender imediatamente no centro de hospitalidade, criado para receber as famílias.

Devo meu particular agradecimento às sócias de nossa entidade, Luísa Maciel e Rafaela Petrolí Frizzo, pela disponibilidade, competência e comprometimento no trabalho voluntário que realizaram junto às famílias que tiveram seus entes envolvidos nessa tragédia. Elas representam o profissionalismo e a seriedade de todos os sócios que participaram deste processo.

Muito obrigado colegas!

Leonardo Della Pasqua

Há vida no tempo no tempo da vida?

Tempo é duração, algo que é indefinível, não podemos agarrar, mas que nos constrói, constrange, limita e situa. O tempo nos constitui, somos seus protagonistas, no teatro das metamorfoses que nos acompanham. Somos matéria, nada mais que poeira e cinzas, que logo se dissolverão na água, transformando-se em vida, novamente. Nosso corpo é uma tela do tempo, e em face da morte sabemos que o tempo continua, nós é que o deixamos. Há o tempo que passa, ou que passou, e o tempo que dura, o que foge e o que promete, o tempo perdido, o tempo reencontrado. Não acreditamos no tempo como eternidade imutável, mas na persistência da mudança, na fecundação proporcionada pela tristeza, no alcance (mesmo que fugaz) da plenitude proporcionada pelo

êxtase e a felicidade. Tememos a morte, angústia de quem vive, mas é esse medo, e essa fragilidade, que nos faz aprender (ou querer aprender) a viver, a ser feliz, a desejar e perseverar na busca da realização do desejo, na obtenção do prazer. Vivemos, porém, uma época, em que tempo e espaço se desmancham, se dissolvem no ciberespaço. Tempo de desterritorialização, incerteza, descartabilidade dos vínculos. Experimentamos a destruição do campo simbólico, das formas de pensar e de agir, transformações sem precedentes no modo como nos constituímos como sujeitos neste mundo. Qual o impacto destas questões na convivência social? Qual o ser humano que está se construindo? Que modos de subjetivação estão se constituindo?

A Jornada terá como convidado de

honra o filósofo francês **André Comte-Sponville** (Doutor em Filosofia. Mestre de conferências da Universidade Paris/Sorbonne), com participação através de entrevista em vídeo feita especialmente para este Evento. Sessões coordenadas serão desenvolvidas em torno dos temas: **Ética, Cuidado, Narcisismo, Mal, Tecnologia, Conhecimento, Educação, Memória, Angústia, Poder, Amor, Sexualidade, Desejo, Prazer, Solidão**, envolvendo todos os Comitês da SPRGS e convidados provenientes de outras instituições do campo psi, da área cultural e artística e de universidades locais e regionais. Tecendo os fios temáticos e os debates, **instalações artísticas e musicais** darão um tom de fluidez e contemporaneidade ao Evento.

Marisa Faermann Eizirik

Reflexões acerca da Inserção da Psicologia no Controle Social e na Construção das Políticas Públicas

Ao longo deste ano, a Diretoria do Interior apresentará os trabalhos realizados pelos Núcleos, nos quais se constata a produção dos colegas nas suas áreas de trabalho. No Núcleo de São Leopoldo, o Comitê de Políticas Públicas, coordenado pelas colegas Anelise Kirst da Silva e Gabriela Kunz Silveira, juntamente com as integrantes do comitê, Aline Scheibel, Juliana Cidade e Letícia Beck Saldanha apresentaram o trabalho intitulado acima, em evento recente, que publicamos a seguir.

"No decorrer do trabalho do Comitê de Políticas Públicas, pensando em nossa inserção no Conselho Municipal de Saúde de São Leopoldo (CMS-SL), como trabalhadoras no campo das políticas públicas. Uma das questões que ficava ecoando em nossos estudos diz respeito à construção-implementação das políticas públicas no Brasil. Perguntávamos-nos se as políticas estão de fato sendo construídas com os cidadãos brasileiros? Ou estão sendo construídas para os cidadãos brasileiros?"

Construir com implica construir junto aos sujeitos que usufruem das políticas. Uma postura que convoca a participação dos agentes envolvidos e permite a circulação de processos de autonomia e protagonismo. Construir para pode implicar pensar-fazer as políticas de forma vertical, sem participação dos usuários; postura que afirma outra lógica, a que coloca o sujeito no lugar daquele que não sabe o que dizer sobre a sua própria vida e história. Neste caso, como construir autonomia e protagonismo?

O CMS-SL, a partir dos movimentos que vem realizando, busca maior apropriação sobre o que lhe compete, bem como sobre processos e desejos dos conselheiros ali presentes, movimento que remete àquilo que Merhy (2002)¹ nos traz sobre o "trabalho vivo em ato". Para ele, o trabalho em saúde é todo o tempo trabalho vivo em ato, pois parte do pressuposto de que a produção de um ato de saúde e seu "consumo" acontece ao mesmo tempo, estabelecendo-se entre seus participantes um espaço intercessor que sempre existirá nos seus encontros, mas só em seus encontros, e em ato.

Aproveitando as brechas que se fizeram e as que foram construídas com o grupo que compõe o Conselho, foi possível colocar vida ao trabalho: problematizamos instituições cristalizadas, que tomavam corpo neste grupo. Espaços inicialmente instituídos de forma a

"Aproveitando as brechas que se fizeram e as que foram construídas com o grupo que compõe o Conselho, foi possível colocar vida ao trabalho: problematizamos instituições cristalizadas, que tomavam corpo neste grupo. Espaços inicialmente instituídos de forma a sustentar o individualismo foram sendo questionados."

sustentar o individualismo foram sendo questionados. A rotina, que não considerava a diferença que as perguntas e as dúvidas dos conselheiros poderiam fazer, foi também sendo problematizada. Aos poucos, foram se abrindo brechas para que os conselheiros se pronunciassem quanto ao sentido que estavam dando para a sua participação naquele espaço. A voz de participantes, antes silenciosos, se mostrou; questões passaram a ser colocadas e debatidas em grupo; a comunicação entre os conselheiros, nas plenárias e fora delas, passou a se organizar de forma articulada.

Ao se apropriarem do espaço e da potência deste campo grupal, os conselheiros começam a dar outros sentidos para seu trabalho. Sentido não mais vazio, e sim cheio de vida e de alegria. Percebeu-se que, a partir do momento em que os conselheiros conseguiram se apropriar do espaço que ocupavam, produziram-se processos de autonomia e de protagonismo". Comitê de Política Públicas.

Maria Aparecida da Silveira Brígido
Diretora do Interior

Nota

- 1 MERHY, Emerson Elias. A micropolítica do trabalho vivo em ato: uma questão institucional e território de tecnologias leves. In: A cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002. cap 2, p. 41-66.



Psicodiagnóstico definição, ética e comitê

Ainda nos dias de hoje é possível observar mitos e fantasias decorrentes da falta de conhecimento e de informação acerca do processo do psicodiagnóstico e da formação necessária para realizar esta avaliação. Não é incomum constatarmos que colegas, médicos e pacientes desconhecem a relevância e seriedade do processo. Por isso, o Comitê considerou importante divulgar, através deste material, um pouco acerca dessa prática. Vamos começar nossa reflexão pela questão da identidade.

O psicólogo que realiza o psicodiagnóstico é um psicometrista, um psicólogo clínico, um psicanalista?

Ocampo (2009) oferece uma rica contribuição a este respeito. Explana a autora que historicamente o psicólogo trabalhou muito tempo com um modelo similar ao do médico. De modo que procedia com eficiência e objetividade e usava da maior distância possível em relação a seu paciente para que o vínculo afetivo não o impedisse de trabalhar com isenção e tranquilidade. De acordo com Ocampo (2009),

isso se deu porque o psicólogo, por muito tempo, careceu de identidade sólida que lhe permitisse saber qual seu real trabalho dentro das ocupações ligadas à saúde mental. Por isso, fazer uso da identidade médica acabou por empobrecer o trabalho do psicólogo. Assim, utilizavam-se os testes como se eles constituíssem em si mesmos o objetivo do psicodiagnóstico e também como um escudo entre o profissional e o paciente, para evitar pensamentos e sentimentos que mobilizassem afetos como: pena, rejeição, compaixão, medo e outros.

“Para que um psicólogo realize um psicodiagnóstico, ele deve seguir um enquadramento próprio. A duração excessiva do processo torna o mesmo prejudicial, e se não forem contratados limites às rejeições, bloqueios e atrasos, o trabalho poderá fracassar.”

Com o tempo, esta identidade foi se modificando e se fortalecendo. O psicólogo teve que definir as semelhanças e diferenças em relação ao terapeuta psicanalítico, ao psicólogo clínico e ao psicometrista. Portanto, para que um psicólogo realize um psicodiagnóstico, ele deve seguir um enquadramento próprio. Este compreende, por exemplo, um tempo limitado, pois a duração excessiva do processo torna o mesmo prejudicial, e se não forem contratados limites às rejeições, bloqueios e atrasos, o trabalho poderá fracassar.

Em que consiste o processo do psicodiagnóstico?

Ocampo (2009) conceitua o psicodiagnóstico como uma situação com papéis definidos com um contraste no qual o paciente pede que o ajudem e o psicólogo aceita esse pedido e se compromete a satisfazê-lo na medida de suas possibilidades. É uma situação de duração limitada com objetivo de obter compreensão mais profunda possível da personalidade do paciente ou do grupo

familiar, abrangendo aspectos passados, presentes (diagnóstico) e futuros (prognóstico) da personalidade e utilizando técnicas específicas (entrevista semidirigida, instrumentos psicológicos, entrevista de devolução).

Para Cunha (2000), o psicodiagnóstico é uma avaliação psicológica, ampla, feita com propósitos clínicos e, portanto, não abarcando todos os modelos de avaliação psicológica. Trata-se de um processo que visa identificar forças e fraquezas do funcionamento psicológico, com foco na existência ou não de psicopatologia. Há a utilização de testes e de outras estratégias para avaliar o sujeito de forma sistemática, científica e orientada para a resolução de problemas.

Segue Cunha (2000) reforçando que o psicodiagnóstico visa compreender problemas, identificar e avaliar aspectos psicológicos, seja para classificar ou prever seu curso possível. É um processo científico, porque parte de um levantamento prévio de hipóteses que são confirmadas ou não através de passos predeterminados e com objetivos precisos. Também é um processo descritivo que engloba o exame do estado mental do paciente, e ainda se presta para uma avaliação mais global do indivíduo, determinando o nível de funcionamento da personalidade, focando a capacidade de *insight* e indicando, quando pertinente, terapêutica ou estimativa prognóstica. Além disso, a autora destaca o objetivo de prevenção, pois visa identificar problemas precocemente, avaliar riscos, estrutura egóica do sujeito, suas capacidades para enfrentar situações novas e estressantes. O processo de psicodiagnóstico inclui, ainda, as avaliações com o objetivo de perícia forense.

A partir dessas definições é possível ter a dimensão da quantidade de conhecimento de técnicas e teorias necessárias para que o psicólogo realize esta atividade com excelência. Além do domínio dos instrumentos psicológicos (aqui compreendidos psicométricos, projeti-

“O psicodiagnóstico visa compreender problemas, identificar e avaliar aspectos psicológicos, seja para classificar ou prever seu curso possível. É um processo científico, porque parte de um levantamento prévio de hipóteses que são confirmadas ou não através de passos predeterminados e com objetivos precisos.”

vos, cognitivos), o profissional deve ter conhecimento acerca de psicopatologia, teorias da personalidade e teorias do desenvolvimento normal e patológico.

Este Comitê acredita que, antes de tudo, o psicólogo que realiza tal avaliação é um psicólogo clínico e, portanto, faz-se necessária alguma experiência clínica prévia, além de tratamento pessoal e de uma formação que inclua supervisão técnica. É importante que o profissional que se propõe a trabalhar com Avaliação Psicológica para fins de Psicodiagnóstico tenha em mente as implicações desta prática e os critérios necessários para sua aplicação. Não falamos aqui apenas de técnica ou experiência, mas de um leque de princípios que devem nortear a sua prática.

Quais aspectos éticos devem estar presentes ao se falar de Psicodiagnóstico?

Wechsler (2006) destaca os princípios da competência, integridade, responsabilidade científica e profissional, respeito pela dignidade e direitos das pessoas, preocupação com o bem-estar do outro e responsabilidade social. Essas diretrizes devem ser constantes no pensamento

do psicólogo que se dedica ao trabalho de investigação psicodiagnóstica, e deve fazer parte deste processo já na sua formação – fator fundamental para sua atuação; uma vez que envolve cuidados éticos que devem ser levados em séria consideração.

Assim, salientamos que, para que essa prática ocorra, o profissional de psicologia deve estar apto para desempenhar atividades com segurança e seriedade, pois será a partir dessas orientações que serão guiadas suas escolhas nas etapas de seleção dos testes adequados, na aplicação dos mesmos, na correção, na interpretação desses resultados e consequente elaboração de laudos e comunicação dos resultados obtidos (Wechsler, 2006). Todas essas etapas exigem criteriosa e especializada compreensão, o que se adquire a partir de dedicação ao ensino, por meio de formação específica, além de constante atualização e preocupação com a repercussão de seus atos.

Integrantes do Comitê de Psicodiagnóstico

Referência:

CUNHA, J. *Psicodiagnóstico – V*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

OCAMPO, M.L. *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas*. Martins Fontes: São Paulo, 2009.

Wechsler. In PASQUALI, L. (Org) *Técnicas de Exame Psicológico: Técnicas Psicológicas – Vol. 1*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

Envie seu texto, utilizando no máximo 8250 caracteres com espaço, para o email da Secretaria aos cuidados da Comissão Editorial.

NESP - Núcleo de Estudantes

A entrega da premiação do XVI Prêmio Estudantes e II Prêmio Recém Formado ocorreu dia 8 de janeiro na sede da SPRGS.

Na solenidade de entrega dos prêmios, contamos com a presença dos participantes do Concurso, de seus familiares, da diretoria da SPRGS e das diretoras da Projecto, Rosane Levenfus e Circe Petersen.

O primeiro lugar do Prêmio Estudantes ficou para Francine Dalavald Bottoni, da UNIVATES, com o trabalho "Experimentações em um CAPS infantil: embalos, criações, intensidades".

O segundo lugar ficou para a estudante Gabriela Vescovi, da UFCSPA, com o trabalho "Motivações para adotar e relaciona-

mento na família adotiva: análise de um filme infantil".

E premiado em terceiro lugar ficou o trabalho de Camila Vian, da UNIVATES, intitulado "Do conceito de família ao de cuidador: problematizando práticas em saúde mental".

.....
Gabriel Calazans Baptista

NIC - Núcleo de Intercâmbio com a Comunidade

Tempo de retrospectiva! Em 2012, o trabalho na Vila Santa Anita se fez presente: a Creche contou com a participação ativa de duas estagiárias de Psicologia Comunitária da PUCRS, supervisionadas por Norma Beck. O grupo Arco-Íris, sob a orientação de Carmen Muratore, progrediu na diversificação de suas atividades: além do *patchwork*, o grupo iniciou trabalho de costura à máquina, com muito aprendizado e realizações na arte da costura. O acompa-

nhamento do Arco-Íris foi apresentado na Jornada Interna da SPRGS, em novembro. No SASE - Serviço de Apoio Socioeducativo, a atividade seguiu dirigida ao acompanhamento à coordenação e às educadoras.

Iniciamos 2013 com o grupo enriquecido: a colega Daniela Raskin passa a integrar o NIC. Atualmente, mobiliza o NIC o início do trabalho com gestantes, projeto idealizado anteriormente, que visa à sensibilização de gestantes para o cuidado com

seus bebês; inclui a participação de profissionais de outras áreas da saúde, assim como de artistas plásticas. Este e outras iniciativas nos estimulam a manter um dos objetivos do NIC: promover, com nossa bagagem de conhecimentos teórico-técnicos, aliados à nossa sensibilidade profissional, a possibilidade de melhores condições de saúde e bem-estar à população.

.....
Heloisia Furtado

NRF - Núcleo de Recém-Formados

O Prêmio Recém Formado da SPRGS na sua segunda edição contou com a participação de vários jovens profissionais de diversas Universidades da capital e do interior do Estado.

Oportunidade que esses profissionais tiveram de concorrer expondo suas produções científicas e trabalhos de conclusão de curso.

Flávia Cambbruzzi Sbardelotto, vencedora do Prêmio, enfatizou em sua fala a importância deste espaço como um incentivo no ingresso da profissão. O trabalho premiado apresentou como título "Os contos de fadas na psicoterapia de grupo com crianças".

Como segundo colocado ficou o trabalho de Lauren Faller, intitulado

"Detecção de pacientes com risco de suicídio: como agem os médicos".

O terceiro lugar foi para Denise Bernardi, com "Crenças e práticas sobre desenvolvimento de bebês, segundo educadores de berçários

.....
Viviane L. Pickering



Você sabia que o que você veste comunica quem você é?

Nos dias de hoje, vivemos em um mundo que valoriza e explora todos os tipos de apelo visual. Desde logotipos famosos, como o da Apple e o da Rede Globo, até as cores usadas nos cenários e figurinos das novelas, são minuciosamente pensados. A elaboração dessa imagem faz com que a credibilidade dessas empresas seja muito forte.

Da mesma forma acontece com as pessoas. O que vestimos comunica muito sobre a gente. Através dessa comunicação, feita em questão de segundos, comunicamos quem somos, o que gostamos, em que grupo social vivemos e trabalhamos.

A Imagem diz tudo sobre nós!

Hoje, em função dessa realidade, surgiu a necessidade de um profissional que estudasse sobre esse assunto: é o *Personal Stylist*.

"Então, para que serve um *Personal Stylist*?"

O *Personal Stylist* é o profissional com formação técnica adequada para fazer um estudo sobre a imagem de cada um. Ele não propõe mudanças radicais, mas sim elabora a sua imagem de acordo com a sua personalidade, estilo, biotipo e cores; usando todas as ferramentas de

que a moda dispõe.

"A sua Imagem é única! Faça dela sua forte aliada."

No livro *Plus Style: guide to looking great*, de Susan Nanfeldt, estudos indicam que a primeira impressão que as pessoas têm de você é baseada na sua aparência e ações, antes mesmo do tom de voz ou do que você diz. Somos criaturas visuais.

"Luxo é descobrir o que fica bem em você"

Costanza Pascolato

O resultado desse estudo é uma diferença grande no impacto que causamos nas pessoas. Podemos ilustrar, utilizando o exemplo do ex-Presidente da República, que se vestia de acordo com suas referências antigas, de uma vida mais simples e, quando assumiu o cargo, precisou da orientação de um profissional que fizesse um estudo sobre a imagem dele e o impacto que estava causando. É preciso saber controlar a mensagem que passamos através da nossa aparência.

"Qual o seu estilo?"

As pessoas procuram um *Personal Stylist* quando estão diante de certas mudanças nas suas vidas, ou querem provocar o que chamamos de "a grande virada".

Quando recebemos uma promoção; mudamos de cidade, e dessa forma de círculo social; acabamos de realizar uma grande cirurgia (um bom exemplo é a bariátrica), que nos trás uma mudança corporal muito grande; ou simplesmente somos finalmente convidados para o "Oscar", ou um grande casamento, esses eventos trazem grandes dúvidas quanto a nossa aparência. Nessa hora, é preciso avaliar que impacto queremos causar, e se a nossa aparência está adequada a nossa personalidade. Esse estudo quando bem mantido, cria novas oportunidades, e o sucesso vem, pois você se torna referência no que faz.

E esse é um privilégio para poucos.

Silvia Scola

Personal Stylist



Terapia e humildade

Há alguns dias conversei com uma pessoa que revelou estar preocupada com sua neta. Disse que ela tirava ótimas notas, sendo uma menina graciosa, atenciosa, mas estava na fase do preto, desde o esmalte de unhas até as roupas. Até aí tudo bem. Mas o que a surpreendeu foi o fato de a neta falar que queria fazer terapia com um psicólogo. Ela ficou preocupada e disse que não era o caso, já que elas poderiam conversar sobre o que ela quisesse. Não era tão grave assim.

Infelizmente existe um senso comum de que psicólogo trata loucos, incapazes de se manterem equilibrados ou passando por grande dificuldade. Outro senso comum é o seguinte: eu não sou o errado, não sou eu que tenho que fazer terapia.

Gostaria de dizer que, antes de qualquer convenção ou senso comum, que psicólogo não trata loucos, psicólogo trata pessoas, como eu, como você. Qualquer pessoa. Qualquer pessoa pode passar por dificuldades em algum momento da vida. E não precisa passar por dificuldades para visitar um psicólogo. Como no caso a que me referi no início, é interessante uma jovem querer ir a um psicólogo. Demonstra, nesse caso, a possibilidade de trabalharmos com prevenção. Nós, brasileiros, temos o costume, muitas vezes, de deixar um problema surgir para tratá-lo. Minha pergunta é simples: por que não prevenir o surgimento do problema? Ou ainda, por que não investir em melhorar a qualidade de vida. Por que não buscar um espaço para reflexão e diálogo sem julgamentos. Nasce-se dentro de uma família e convive-se com essa família até o fim, então a terapia também é uma forma de buscar contato com uma pessoa diferente, ouvir e ser ouvido por uma pessoa mais neutra, em outras palavras, um

profissional.

As opiniões dos pais, amigos e parentes é conhecida. Como é bom ter a oportunidade de habitar um espaço, nem que seja uma hora por semana, sem ouvir de que forma se deve agir e o que se deve sentir ao falar algo para outra pessoa. Conselho se recebe de amigos. Escuta profunda, sincera, reflexiva se recebe do terapeuta. Como é bom poder falar sobre um assunto pessoal com alguém com curiosidade de conhecer, de entender o funcionamento do outro. Como é bom poder esperar um olhar diferenciado do que se está acostumado. O terapeuta ajuda explorando e trabalhando o autoconhecimento de seu paciente. O paciente que passa por uma dificuldade pode escutar de seu terapeuta, por exemplo: eu imagino como deve ser difícil lidar com isso, afinal, como vimos aqui você já passou por outros momentos parecidos que não foram fáceis, mas vamos pensar juntos como lidar com essa situação. O paciente provavelmente não

“O paciente que passa por uma dificuldade pode escutar de seu terapeuta, por exemplo: eu imagino como deve ser difícil lidar com isso, afinal, como vimos aqui você já passou por outros momentos parecidos que não foram fáceis, mas vamos pensar juntos como lidar com essa situação.”

escutará do terapeuta: “você não pode se sentir assim, precisa que dar a volta por cima.”

Cada pessoa age e reage de forma distinta diante das peculiaridades da vida. Por isso, autoconhecimento é importante. Aprender como tendemos a pensar, a agir e a sentir diante das situações. Isso proporciona uma autonomia imensurável. Deixa-se de dar tanto valor para o que os outros pensam e passa-se a dar mais valor para o que pensamos e sentimos. Isso é lindo e providencial para o desenvolvimento humano.

Psicoterapia é um espaço para trabalhar a saúde mental. Quando se cuida da saúde mental na terapia, cuida-se das pessoas amadas também. Quando uma pessoa se trata, torna-se melhor para si e para os outros. Este é um espaço muito interessante para perceber onde ocorre erro, onde ocorre acerto, e como trabalhar com as dificuldades e tirar proveito das qualidades!

Mas existe algo fundamental para que uma pessoa procure terapia: humildade. É o simples fato de se perceber como uma pessoa passível de melhoramentos constantes. Pode-se mudar, ou seja, melhorar a cada dia. Pensar que não há nada para tratar, para melhorar, que os outros (os loucos) é que precisam de terapia é um tanto cruel. Já passou o momento da cisão loucos no hospital psiquiátrico e são aqui. Somos todos seres humanos, com qualidades, defeitos, dificuldades, alegrias, tristezas. Somos todos passíveis de tratamento e, por isso, candidatos a esta convidativa evolução terapêutica.

Fabiane Guedes Kemmerer

Envie seu texto, utilizando no máximo 4200 caracteres com espaço, para o email da Secretaria aos cuidados da Comissão Editorial.

<input type="checkbox"/> MUDOU-SE	<input type="checkbox"/> FALECIDO	<input type="checkbox"/> END. INSUFICIENTE	<input type="checkbox"/> INFORMAÇÕES ESCRITAS PELO PORTEIRO OU SÍNDICO
<input type="checkbox"/> DESCONHECIDO	<input type="checkbox"/> AUSENTE	<input type="checkbox"/> CEP	
<input type="checkbox"/> RECUSADO	<input type="checkbox"/> NÃO PROCURADO	<input type="checkbox"/> NÃO EXISTE Nº INDICADO	REINTEGRAÇÃO AO SERVIÇO POSTAL EM ____/____/____
RESPONSÁVEL _____			EM ____/____/____

Descobrir Portugal

Uma viagem de estudos ou apresentação de trabalho científico oportuniza explorar e descobrir a história local. E foi desta forma que, em Portugal, que faz parte de nossas origens, foi possível fazer o caminho de descobrir algumas coisas. É muito bom descobrir mais do que aquilo que aprendemos nos bancos escolares; descobrir o que existe na atualidade e viver a atmosfera da terra dos fados. Por esta razão que, pesquisar na terra lusitana e circular pelas avenidas lisboetas, foi possível encontrar em uma área de 35 há no centro de Lisboa, um lugar pode levar a muito lugares, em diferentes épocas da história e dos povos.

No coração de Lisboa está o Museu Gulbenkian, situado dentro de um

jardim botânico, contendo o patrimônio artístico que o armênio Calouste Sarkis Gulbenkian foi adquirindo ao longo da sua vida. Apresenta coleções de Artes Plásticas e Artes Decorativas, desde o Egito antigo até a Europa do Século XX. É um museu de toda a coleção de um homem que durante toda a sua vida admirou e adquiriu obras de muitas épocas e de muitas partes do mundo.

Neste Museu, percebe-se bem o gosto do colecionador através de um conjunto de objetos raros do Egito, da Grécia, da Pérsia, da Índia Mogol ou da Turquia. Lá é possível ver obras-primas de artistas como Domenico Ghirlandaio, Rembrandt, Rubens, Fragonard, Guardi, Houdon, Turner, Corot, Degas, Manet, Monet. No local, é possível também admirar as artes decorativas, mobiliário

de Cressent e Riesener e a ourivesaria, na qual se pode conhecer o conjunto único de joias de René Lalique.

O que deixa uma forte impressão para os que visitam o Museu Gulbenkian é, além da modernidade de sua construção ampla, clara e com diferentes espaços para as artes, as temporadas de música, dança e teatro, tudo inserido em programas muito bem pensados e elaborados, e que, somente em 2012, proporcionou 3000 programas culturais.

Visitando Lisboa, reserve um tempo para descobrir o que pode ser admirado neste Museu. Bom programa.

Maria Aparecida da S. Brígido

Envie seu texto, utilizando no máximo 2000 caracteres com espaço, para o email da Secretaria aos cuidados da Comissão Editorial.

Leitura



A felicidade, desesperadamente – André Comte-Sponville

Este livro é uma transcrição, revista e corrigida pelo autor, de uma conferência-debate pronunciada em outubro de 1999, na França.

André Comte-Sponville é filósofo e nasceu em 1952, em Paris. Foi professor da Universidade de Paris I: Panthéon Sorbonne, demitindo-se em 1998 para dedicar-se completamente a escrever e proferir conferências fora do circuito

universitário. É membro do Comitê Consultivo Nacional de Ética na França.

Começamos com o título. É instigante, pois há uma vírgula que, dependendo da forma como se lê, incluindo ou não, muda o sentido. Podemos ler como algo trágico, a felicidade como algo desesperado, carregado de sofrimento pela falta, ou como a felicidade de quem poder gozar e usufruir, porque não se espera, des-espera.

São várias as pérolas encontradas neste pequeno livro que tem como fio condutor a noção de felicidade, desejo, esperança e des-espero.

O desejo, comumente associado à noção de falta – como seria feliz se tivesse aquilo que não tenho ou possuo – carrega consigo a noção de esperança, de uma postura passiva de esperar que alguém realize o desejo. É neste contexto que apresenta a proposta da felicidade des-esperada, implicada numa postura ativa, numa

ação com potência na direção de gozar e se regozijar com o que tem e possui. A felicidade consistiria em não esperar, em não ter esperança, quebrando assim o ciclo da frustração e sofrimento.

Entrelaça-se aqui a noção de tempo, sendo o presente o único tempo possível, pois as lembranças do passado, as reminiscências, aconteceriam no aqui e agora do presente. O futuro se apresentaria como uma potência, uma ação orientada para o futuro, mas acontecendo no aqui e agora do presente. Uma relação ativa com o futuro, enquanto projeto uma vontade, um programa, não como espera, como esperança.

Para ser feliz e amar, a única maneira de viver seria parando de esperar!

Carmem Muratore

Envie seu texto, utilizando no máximo 2000 caracteres com espaço, para o email da Secretaria aos cuidados da Comissão Editorial.